



Olá *professor,* *seu* **aluno** **surdo** *chegou!*

**Caderno de Orientações
Didático-pedagógicas para o
acolhimento de alunos surdos**

Suelem Maquiné Rodrigues
Maria Lúcia Tinoco Pacheco

AUTORIA

Suelem Maquiné Rodrigues

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/7138080439482364>

COAUTORIA E ORIENTAÇÃO

Profa. Dra. Maria Lúcia Tinoco Pacheco

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0938462047218130>

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Marcella Sarah Filgueiras de Farias

E-mail: sarah.marcella@gmail.com

DIREÇÃO E ENSAIO FOTOGRÁFICO

Bill Barroso

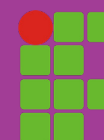
VETORES

<https://br.freepik.com/>

APOIO:



Mestrado em
Ensino Tecnológico



INSTITUTO FEDERAL
AMAZONAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696o Rodrigues, Suelem Maquiné.

Olá professor, seu aluno chegou! Caderno de orientações didático-pedagógicas para acolhimento de alunos surdos. / Suelem Maquiné Rodrigues, Maria Lúcia Tinoco Pacheco. – Manaus, 2020.
46 p. : il. color.

Produto Educacional proveniente da Dissertação – Professores de língua portuguesa e alunos surdos do ensino médio integrado do IFAM/CMC: considerações acerca do processo inclusivo. (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, 2020.

1. Ensino tecnológico. 2. Educação inclusiva. 3. Formação de professores. 4. Orientações – didático pedagógicas. I. Pacheco, Maria Lúcia Tinoco. (Orient.) II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas III. Título.

CDD 371. 33

Elaborada por Márcia Auzier CRB 11/59

Olá
professor,
seu **aluno**
surdo
chegou!

Caderno de Orientações Didático-pedagógicas
para o acolhimento de alunos surdos

Descrição Técnica do Produto

Nível de Ensino a que se destina o produto:
Ensino Básico e Superior

Área de Conhecimento:
Ensino

Público-Alvo:
Professores do Ensino Básico e Superior

Categoria deste produto:
Didática na sala de aula

Finalidade:
Auxiliar professores, com atuação em qualquer nível, no processo de ensino de surdos na perspectiva da educação inclusiva.

Organização do Produto:
O produto foi estruturado a partir de seções e subseções com vistas a uma imersão do professor no universo do aluno surdo.

Registro do Produto:
Biblioteca Paulo Sarmiento, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM, Campus Manaus Centro

Disponibilidade:
Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação:
Meio digital

URL:
Produto disponível no site do MPET:
<http://mpet.ifam.edu.br/dissertacoes-defendidas/>

Idioma:
Português

Cidade:
Manaus

País:
Brasil

Ano:
2020

Origem do Produto:
Trabalho de Dissertação intitulado “PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ALUNOS SURDOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFAM/CMC: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PROCESSO INCLUSIVO”, desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do IFAM.

Agradecimentos:
Ao IFAM, à Capes, aos Professores participantes e voluntários

Agradecimentos

Faltam palavras para demonstrar o tamanho da gratidão pelas contribuições recebidas para este trabalho.

Aqui tudo é obra do meu bom Jesus e minha mãe amabilíssima Maria Santíssima. Agradeço especialmente aos meus grandes mestres, em especial, a minha orientadora, Profa. Dra. Maria Lúcia Tinoco Pacheco, aos amigos e parceiros da educação de surdos, Iranvith Cavalcante Scantbelnuy e Elizandra Lima, que compartilharam seus conhecimentos para elaboração desse produto.

Serei eternamente grata, também, aos companheiros de jornada acadêmica que aceitaram fazer parte do nosso material. Muito obrigada: Nara Neiva A. C. de Souza, João Batista Marcelino dos Santos, Jorayna Ruana Maciel Saraiva, Rosilene Oliveira de Brito, Warlenson Carneira dos Santos, Sara Vitor Magalhães, Eduardo de Souza Melo e Marcos André da S. Régio!

Também meus sinceros agradecimentos aos professores do MPET, ao povo surdo, à comunidade surda, aos professores do IFAM-CMC, ao NAPNE-CMC e ao NAPNE-CPRF, CAPES, aos professores do curso de Letras- Libras da UFAM e a todos que me incentivaram para que esse produto fosse concretizado.

Sempre de mãos dadas!

*O resultado mais sublime da
educação é a tolerância.*
Helen Keller

Sumário

- 8** Da Pesquisa ao Caderno de Orientações Didático-pedagógicas
- 11** Pra início de conversa
- 13** A educação especial, a educação inclusiva e o surdo
- 15** Eixo Linguístico
- 16** • O Universo Linguístico do Surdo
- 17** • O aluno surdo, a língua de sinais e a língua escrita
- 18** • Pessoa surda ou pessoa com deficiência auditiva?

21 Eixo Didático-Pedagógico

- 22** • A instituição inclusiva
- 24** • O intérprete e o professor, agentes de inclusão
- 25** • O Professor inclusivo: na sala de aula
- 26** • O Professor inclusivo: na aula
- 27** • Sobre o Quadro e as tarefas
- 28** • Sobre a avaliação
- 29** • Sobre os recursos e estratégias didáticas

31 Eixo Social

- 32** • Ao Professor e à comunidade escolar
- 36** • Hábitos do surdos
- 38** Indicação de recursos complementares
- 41** Pra fechar essa conversa e quem sabe começar outra
- 42** Anotações
- 44** Referencial teórico

Da Pesquisa ao Caderno de Orientações Didático-pedagógicas

O Caderno de Orientações Didático-pedagógicas é fruto de uma pesquisa proposta ao Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas- MPET/IFAM, na linha de formação de professores e construído com a finalidade de oferecer direcionamentos para esses docentes. Também busca gerar uma aplicação direta do conhecimento adquirido durante o percurso acadêmico no curso, oferecendo como resultado um retorno prático e aplicável à sociedade.

Enquanto produto educacional, esse material visa contribuir, principalmente, para a formação continuada de professores que atuam na educação básica, público-alvo a que se destina, mas também estende-se para os docentes do ensino superior, bem como para todo cidadão comum que possua interesse pela temática da surdez, do ensino de surdos e da educação inclusiva. A dissertação que gerou esse produto é intitulada “O ensino da língua portuguesa para surdos: um estudo etnográfico junto ao IFAM – Campus Manaus – Centro”.

Construída a partir de uma abordagem etnográfica, a pesquisa que originou a dissertação teve como foco investigativo professores do ensino médio integrado, no eixo de ensino técnico e tecnológico, em cujas aulas tivessem a presença de alunos surdos. Essa pesquisa utilizou dois instrumentos de investigação: um questionário semiestruturado, aplicado junto a três professores de língua

portuguesa; e um diário de campo, em que foram registrados os momentos das aulas desses docentes na situação de ensino de sua disciplina a seus alunos surdos. Também ressaltam-se visitas aos diversos setores da instituição, lócus da pesquisa, responsáveis pelo recebimento do aluno surdo e pelo suporte ao professor, como NAPNE, Apoema e Registro acadêmico.

Os resultados obtidos nesses instrumentos apontaram para a necessidade de se conceber um produto que buscasse ajudar a minorar as necessidades e inquietudes expostas durante os diálogos com os docentes, ajudando-os a compreender a condição linguística do aluno surdo e suas questões culturais e identitárias, reconhecidas em sala de aula durante o processo da pesquisa. Assim, considerando-se o cenário com que nos deparamos, especificamente o da relação professor-aluno surdo no contexto da sala de aula, procuramos apresentar no produto educacional ora construído direcionamentos para esse docente.

O objetivo do material, que nasce no âmbito dessa pesquisa, é subsidiar o docente de modo que ele repense sua prática de sala de aula, com vistas a uma mudança atitudinal em relação ao aluno surdo e a sua especificidade. Ao mesmo tempo, procura também trazer à luz da compreensão e da empatia a condição dos surdos em face do sistema educacional brasileiro.

From Research to Didactic-Pedagogical Guidance Notebook

The Didactic-Pedagogical Guidance Notebook is the result of research proposed to the Professional Master in Technological Teaching, from the Federal Institute of Education, Science and Technology of Amazonas - MPET / IFAM, in the line of teacher training and seeks to generate a direct application of knowledge acquired during the academic course in the course, offering as a result a practical and applicable return to society.

Built from an ethnographic approach, the research that originated the dissertation had as an investigative focus teachers of integrated high school, in the axis of technical and technological education, in whose classes had the presence of deaf students. This research used two research instruments: a semi-structured questionnaire, applied to three Portuguese-speaking teachers; and a field diary, in which the teaching moments of these teachers were recorded in the situation of teaching their discipline to their deaf students. Also noteworthy are visits to the various sectors of the institution, the location of the research, responsible for receiving the deaf student and for supporting the teacher, such as Napne, Apoema and Academic Record.

The results obtained in these instruments pointed to the need to design a product that sought to help alleviate the needs and concerns exposed during the dialogues with the teachers, helping them to understand the linguistic

condition of the deaf student and their cultural and identity issues, identified in the classroom during the research process. Thus, considering the scenario we are faced with, specifically that of the deaf teacher-student relationship in the classroom context, we seek to present in the educational product now built directions for this teacher.

The purpose of the material that is born in the scope of this research is to subsidize the teacher so that he rethinks his classroom practice, with a view to an attitudinal change in relation to the deaf student and his specificity. At the same time, it also seeks to bring to light understanding and empathy the condition of the deaf in the face of the Brazilian educational system.



Pra início de conversa

Professor,

O Caderno de Orientações Didático-pedagógicas cujo objetivo é subsidiar o trabalho do professor no âmbito da educação inclusiva é composto de orientações voltadas para o ensino inclusivo dos alunos surdos, considerando-se as peculiaridades desse público.

Intenciona, portanto, possibilitar ao docente um adentramento no universo social e linguístico desse aluno, de modo que nesse percurso, o professor compreenda a condição comunicativa singular desse sujeito, objeto de sua ação educativa; e assim, na construção de um diálogo mais holístico com seu aluno, possa proporcionar-lhe um ensino de qualidade e igualitário.

Nesse material, poderemos compreender e aprender como melhor lidar com as questões relativas ao ensino do aluno surdo, tomando para isso aspectos que permeiam esse processo, a saber: linguísticos, sociais e didáticos. Esses aspectos ou eixos buscam familiarizar o docente com questões intrínsecas à condição do

aluno surdo. Essa compreensão contribuirá para que suas aulas sejam mais inclusivas. Também procuramos indicar recursos mais adequados ao ensino de surdos que possam auxiliar os professores, contribuindo significativamente para sua prática.

O produto, fruto de um longa pesquisa de mestrado, traz na apresentação das orientações que o compõem, uma descrição dialógica, com emprego de linguagem objetiva e informal, subsidiada por exemplos práticos que podem ser facilmente compreendidos por docentes, e outros atores da inclusão.

O caderno é um convite para adentrar a sala de aula em que estão os alunos surdos e vislumbrar como o professor pode, no processo de ensino de sua disciplina, promover o aprendizado e a inclusão dos surdos.

Professor, acompanhe-nos na acolhida desse aluno que chegou!



A educação especial, a educação inclusiva e o surdo

O que é educação especial?

A educação especial é uma modalidade de ensino destinada a educandos com necessidades educativas especiais no campo da aprendizagem, originadas quer de deficiência física, sensorial, mental ou múltipla, quer de características como altas habilidades, superdotação ou talentos.

O que educação inclusiva?

Educação inclusiva é uma modalidade de educação que inclui, em escolas de ensino regular, alunos diferentes, que apresentem ou não qualquer tipo de deficiência ou transtorno, ou altas habilidades.

O que é educação especial na perspectiva da educação inclusiva?

- O ensino de surdo encontra amparo legal já na Declaração Mundial sobre Educação para Todos, que ocorreu em 1990.
- A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN, Lei nº 9.394/96, trata da educação especial.
- A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com deficiência, de 2006, não versa apenas sobre

educação, mas sobre todos os direitos humanos.

- A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEI), de 2008, faz o entrelaçamento entre as duas modalidades, assegurando a convivência entre os diferentes.



Eixo Linguístico

O Universo Linguístico do Surdo

Nessa seção, voltar-nos-emos para os fatos das linguagens que permeiam o universo do aluno surdo, buscando a materialização da vivência desse aluno com a língua de sinais e a língua portuguesa na modalidade escrita.

Eixo Linguístico

O Universo Linguístico do Surdo

As nossas orientações partirão do pressuposto de que a língua de sinais é constituinte do sujeito surdo, ou seja, é sua língua de instrução, a qual possibilita a ele a aquisição de conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento integral.

É importante lembrar que a língua de sinais do Brasil é a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais ou LSB). Esta é uma língua natural, utilizada nas diversas interações sociais e que possui como principal característica o fato de ser visuoespacial.

Em uma língua visuoespacial, as informações linguísticas são recebidas pelos olhos e reproduzidas pelas mãos.

Portanto, compreender a situação do aluno surdo implica, primeiramente, entendê-lo como pessoa.

Ser surdo, antes de tudo, é viver imerso na experiência visual, em um mundo repleto de imagens. É por meio desse mundo que ele aprenderá.

O ensino de surdos deve tomar essa experiência como parte constitutiva de sua diferença linguística. A língua de sinais é, pois, a manifestação dessa diferença linguística.

Devemos trabalhar em diálogo com a “cultura do olhar” do aluno surdo. Para trabalhar a cultura do olhar, considere:

- Levar o aluno a reflexões por meio de imagens;
- Explorar a potencialidade dos recursos visuais nas aulas.

O aluno surdo, a língua de sinais e a língua escrita

SITUAÇÃO 01

Existem alunos cuja Língua de Sinais é a sua primeira língua (L1), ou seja, a língua em que ele foi instruído inicialmente na fase de aquisição da língua foi a Libras. Sua organização cerebral em torno da linguagem foi feita por meio da língua de sinais, na modalidade visuoespacial. Nesse contexto, a língua oral, ou seja, a língua portuguesa será sua segunda língua (L2), mas também deverá ser trabalhada visualmente, pois esse aluno não possui consciência fonética já que não consegue escutar os sons da língua.

SITUAÇÃO 02

Alguns alunos surdos nascem em famílias de ouvintes e só irão ter o contato com a língua de sinais tardiamente. Para esses alunos, sua primeira língua (L1) será a Língua portuguesa. Mas... não esqueçam: A Língua Portuguesa também deverá ser explorada na modalidade visuoespacial, e deverá ser cobrado somente na modalidade escrita!

O suporte para o aprendizado da Língua Portuguesa (L2) será sempre a primeira língua (L1). É por meio da primeira língua, a Língua de Sinais (L1), que o estudante surdo buscará construir as relações de sentido para o aprendizado da segunda língua (L2).

VOCÊ SABIA?

- Nem todos os surdos possuem o mesmo grau de surdez, como também nem todos os surdos possuem a mesma relação com as línguas de sinais e as línguas orais.
- Os estudos feitos pelo laboratório de neurociências cognitivas da universidade da Califórnia identificaram que apesar de as línguas de sinais serem produzidas de forma espacial, seus movimentos são percebidos pelo hemisfério esquerdo do cérebro, pois não são entendidos como gesticulação aleatória, mas sim, como língua.

A essência social do ser humano está na linguagem.

Pessoa surda ou pessoa com deficiência auditiva?

A pessoa surda:

Decreto n. 5626/05 – art. 1

“Considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras”.

A pessoa com deficiência auditiva:

Decreto n. 5626/05 – art. 1

“Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz”.

Você conhece outros instrumentos legais que tratam do surdo e da pessoa com deficiência auditiva? Olha essa lista!

7.405/85	Símbolo internacional de acesso
7.853/89	Normas gerais sobre os direitos das pessoas portadoras de deficiências
8.169/90	ECA
8.160/91	Símbolo de identificação da pessoa com deficiência auditiva
8.169/90	Código de Defesa do Consumidor
10.098/00	Lei da Acessibilidade
10.436/02	Língua Brasileira de Sinais
12.319/10	Profissão de Tradutor e Intérprete Libras
13.146/15	Estatuto da pessoa com Deficiência

Os eixos da inclusão

Para incluir é preciso articular ações. No ensino de surdos, tomamos como referência, a partir do que observamos, três eixos:







Eixo Didático-Pedagógico

Nesta seção, apresentaremos algumas orientações que tanto contribuirão para o acolhimento do aluno surdo pela instituição e pelo professor, quanto subsidiarão o ensino-aprendizagem desse sujeito.

Eixo Didático-Pedagógico

A instituição inclusiva

- Na acolhida do aluno surdo, a instituição deve preparar o ambiente para recebê-lo: pessoas da portaria, da secretaria, prestadores de serviço, dentre outros, devem ser estimulados a estudar línguas de sinais.
- Os vários espaços que compõem o ambiente escolar, isto é, portaria, secretaria, biblioteca, sala de aula, banheiros e cantina, por exemplo, devem ser sinalizados com placas em línguas de sinais.
- A turma onde o aluno surdo ficará deve ser preparada para receber esse colega. O setor responsável pelo curso deve explicar sobre sua condição de sujeito surdo: que não escuta e percebe o mundo por meio do campo visual.
- Avisos só poderão ser dados em sala de aula que tenham alunos surdos, na presença de intérprete de libras.
- Na ausência do intérprete, o aviso deverá ser disponibilizado de forma escrita (em português ou *signal writing*), impresso ou disponível na lousa.



O profissional que trabalha diretamente com aluno surdo é o intérprete de libras. Ele é a voz tanto do professor quanto do aluno surdo.



O intérprete de Libras deve se envolvido em todas as ações escolares relacionadas ao aluno surdo.



Avisos sobre os horários de início e término de eventos escolares ou sociais devem ser antecipados. Assim, o aluno surdo pode se programar quanto a sua permanência de tempo no local.

O intérprete e o professor, agentes de inclusão

- O intérprete de libras é um mediador das relações no processo de ensino – aprendizagem.
- O intérprete percebe as maiores dificuldades dos surdos e pode intermediar as soluções de problemas.
- O intérprete deve participar das reuniões de planejamento, das reuniões pedagógicas, da preparação de aula.
- O auxílio mútuo entre intérprete e professor da disciplina só objetiva o êxito do aluno surdo.
- As orientações do intérprete em relação ao material usado ou até sobre procedimentos em relação aos surdos pode facilitar o trabalho de ambos.
- A disponibilização do conteúdo da aula para o intérprete, com antecedência, poderá refletir de forma positiva na aprendizagem do aluno e no seu trabalho. Que tal tentar?



A oferta de um espaço na lousa ao intérprete, caso este necessite escrever algo, deve ser considerado. Essa atitude favorecerá o trabalho de interpretação.



A indicação de uso de uma agenda escrita para o aluno surdo não perder prazos é imprescindível. O intérprete não pode ser responsabilizado por essa função.

O Professor inclusivo: na sala de aula

- Os usuários de toda e qualquer língua tendem a se agrupar. Com o surdo não é diferente.

Mais de um surdo em sala de aula? Pela questão da identidade linguística, permita que decidam se querem ficar no mesmo grupo nas atividades.

- O lugar que ocupará na sala é muito importante para o aluno surdo. Lembre-se: Ele lê e aprende com olhos e mãos!

- Vai usar mídias? Pense na Acessibilidade. As mídias que serão usadas na sala de aula devem ter como critério a acessibilidade comunicacional: legendas, janelas em libras, por exemplo.

- Muitos alunos surdos não tiveram muitas oportunidades de diálogos com interlocutores em sua língua. Isso poderá gerar uma dificuldade no processo de trocas de ideias.

O Professor inclusivo: na aula



A orientação sobre o material a ser usado, exercícios e datas de avaliações devem ser registrados no quadro e entregue de forma impressa.



No processo de comunicação, dirija-se sempre ao aluno surdo! Não ao intérprete! O aluno é responsabilidade do professor, não do intérprete.

Sobre o Quadro e as tarefas

- Para orientações na lousa, o professor deve observar se o aluno surdo terminou de copiar, pois ele compreende as informações com os olhos e necessita de mais tempo para captação! Após isso, ele voltará a sua atenção para o intérprete.
- As tarefas que utilizam a associação de imagens e textos, colunas, múltipla escolha, identificação, cruzadinhas, completamento de frases são ótimas opções para os alunos surdos.
- O processo de aprender e ensinar é marcado pelas atividades escolares. Se outros alunos que ouvem apresentam imensas dificuldades para resolvê-las, será que as dificuldades dos alunos surdos, por vezes, não são maiores?



Para o aluno surdo, imagens são palavras e transmitem ideias. Use imagens de livros, revistas, cartazes ou outro material que possa contribuir visualmente com o aprendizado do aluno surdo.

Sobre a avaliação

- O ENEM, desde 2018, traz provas em Libras e disponibiliza tradutores intérpretes para os alunos surdos. Pense sobre isso!



<http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/enem/enem-em-libras>

- A avaliação é parte do processo do ensino-aprendizagem. Como o aluno surdo é avaliado? São consideradas suas características singulares? Sua “prova” é acessível?

- Todo o conteúdo didático para estudos, que possa ser avaliado por meio de provas, deve ser disponibilizado de forma impressa. Os vídeos e as mídias devem ter linguagem acessível com informações claras e diretas para seu estudo.

- Os critérios de correção das avaliações escritas, para mensurar as proposições, devem considerar as ideias centrais do conteúdo, isto é, a apresentação dos elementos centrais e indispensáveis para atender a resposta. Não devem ser

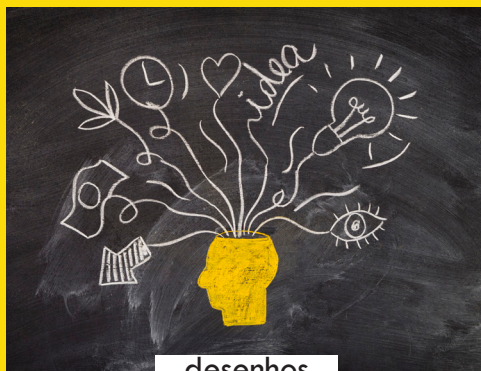
tomados como critérios principais a ortografia e a organização frasal.

- As avaliações orais sempre serão intermediadas pelo intérprete de língua de sinais.

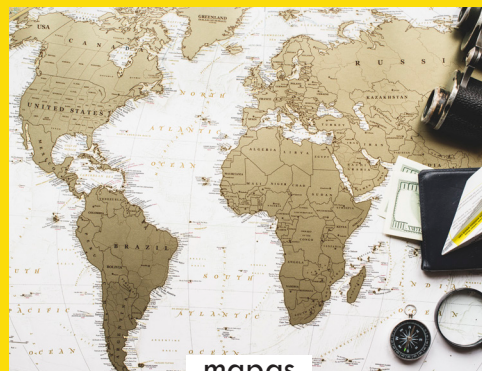
- A negociação do tempo adicional nas avaliações é prevista em lei, faz parte dos direitos dos alunos surdos. TEMPO DE ADIÇÃO.

Sobre os recursos e estratégias didáticas

- O emprego de materiais visuais didáticos devem ser priorizados, tais como:



desenhos



mapas



maquetes



filmes com legenda

O conteúdo a ser trabalhado deve ser explorado a partir de suas potencialidades visuais. Ilustrá-lo, empregando vários recursos, tais como trechos de filmes, maquete, desenho, mapas, gráfico, vídeos curtos com e sem legenda, recortes de jornais e revistas, painéis, mapas conceituais, com organização visual dos conceitos, é relevante para a aprendizagem dos alunos surdos.

- O uso de cores pode auxiliar a correlacionar conteúdos, dentre outros recursos visuais, deve ser amplamente empregado nas atividades que possibilitem relacionar, marcar e completar.

- O surdos aprendem com representação. O teatro (ou recursos teatrais) em diversos momentos escolares é uma estratégia.



Os textos e conteúdos apresentados em materiais impressos e digitais, como slides, devem ser apresentados quando possível em tópicos e associados à imagem.





Eixo Social

Nesta seção, procuramos orientar todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar, inclusive, pais e professores. Descrevemos comportamentos e atitudes corretas no relacionamento com os alunos surdos, de forma a construir uma cultura escolar que valorize o respeito, a igualdade e a inclusão.

Eixo Social

Ao Professor e à comunidade escolar



Quando estiver sentado, próximo a um surdo:



É certo:

- Dar um leve toque no ombro; dessa forma, o ouvinte estará chamando atenção da pessoa surda.



É errado:

- Deslizar a mão sobre a perna, principalmente se o aluno surdo for do sexo oposto.



Quando estiver em pé, próximo ao surdo:



É certo:

- Aproximar-se pela frente para que ele perceba sua presença.
- Aproximar-se e tocá-lo pela frente ou lado, no ombro ou no braço até o punho.



É errado:

- Tocá-lo pelas costas subitamente; ele pode se assustar.
- Catucá-lo pelas costas ou pelos lados para chamar sua atenção, com objetos. Além de desrespeitoso, pode machucá-lo.





Quando (se) estiver longe do surdo:



É Certo:

- Acenar com a mão vazia ou segurar algum objeto no campo visual do surdo para chamar –lhe a atenção.
- Acender e apagar as luzes, se for em um ambiente fechado; isso fará com que o surdo dirija a atenção dele para você.
- Dirigir-se até ele, aproximando-se pelo lado, entrando no campo de visão dele, caso ele esteja de costas para você e não tenha ninguém perto dele.
- Ligar para o celular dele, caso vocês estejam juntos e ele tenha virado de costas para ir embora. Possivelmente ele lhe dirigirá a atenção de modo imediato.



É errado:

- Gritar para ele. Como ele não ouve, não lhe dará atenção.
- Pedir que o aluno surdo faça leitura labial. Como ele não ouve, não lhe dará atenção.
- Lançar objetos sobre ele; além de desrespeitoso, é perigoso e pode machucá-lo.



Pedir, se o aluno surdo estiver de costas para você, que a pessoa que está perto dele, chame-o, indicando que você deseja falar-lhe.



Mandar mensagem de texto, pedindo-lhe para olhar para você, caso você esteja bem atrás dele.



Hábitos do surdos

Quando o surdo estiver conversando:

- Quando houver dois surdos conversando e você quiser passar, tente passar por trás deles; se não conseguir, passe entre eles discretamente e rapidamente, sem chamar-lhes a atenção. Não lhes interrompa a conversa, nem para lhes pedir licença.
- Se estiver conversando com um surdo e uma outra pessoa chamar você, faça um sinal de espera, com a palma da mão aberta em direção à pessoa. Só desvie a atenção, quando o surdo com quem você está conversando, conceder-lhe a pausa.
- Quando estiver conversando com um surdo, evite ficar desviando o olhar dele. Essa ação é considerada falta grave de educação. Significa que você não está interessado na conversa dele nem em sua companhia.

No dia a dia:

- Quando você estiver na companhia de um surdo e este produzir algum barulho corporal ou barulho externo, não se assuste ou pense que é falta de educação. Lembre-se: o surdo não ouve e a produção de qualquer som não é considerada falta de educação na comunidade surda.
- Avise sempre ao surdo o horário do início e do término dos eventos.
- Se esbarrar ou bater sem querer em um surdo com a mão ou corpo, quando estiver sinalizando, não se preocupe. Siga a conversa.

“Uma língua é um lugar donde se vê o mundo e em que se traçam os limites de nosso pensar e sentir”.

Vergílio Ferreira

Indicação de recursos complementares

Sinalário Disciplinar em Libras



O Sinalário Disciplinar em Libras não é um aplicativo de ensino de libras e sim uma ferramenta de apoio para os alunos e os profissionais (intérpretes) que trabalham com os educandos surdos.

Hand Talk



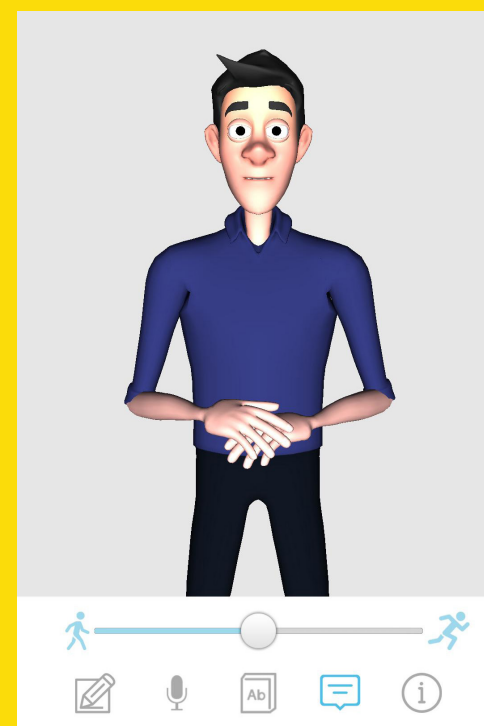
Liderada por um simpático intérprete 3D, o Hugo, o aplicativo Hand Talk faz a tradução automática de texto e voz para Língua Brasileira de Sinais (Libras).

TV INES



O Instituto Nacional de Educação de Surdos apresenta a TV INES, iniciativa pioneira no Brasil. Seu principal fundamento é o da promoção de inclusão social através de uma grade de programação acessível em língua brasileira de sinais e em língua portuguesa.

VLibras

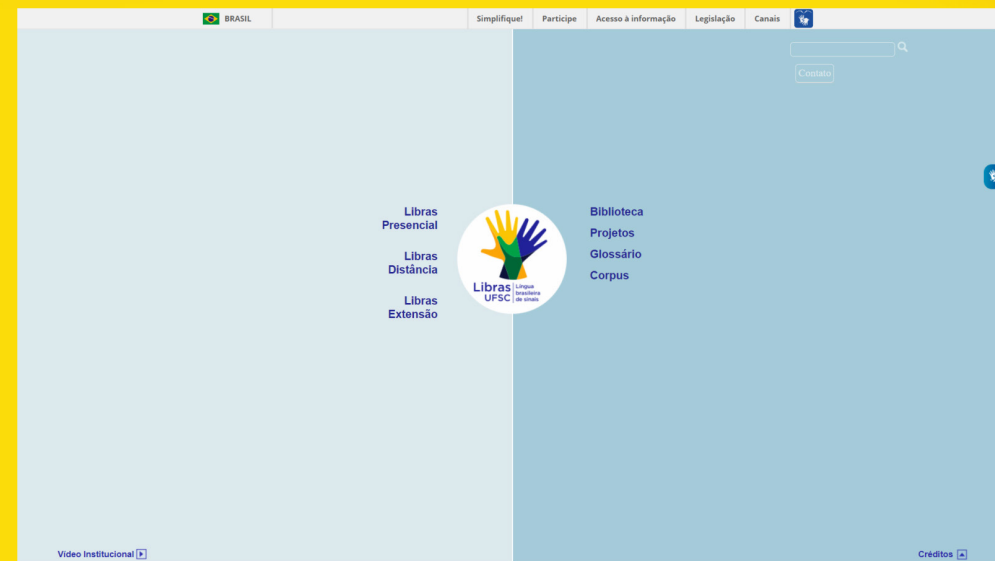


O VLibras é um aplicativo que faz parte de um conjunto de ferramentas que buscam ajudar os surdos em suas atividades diárias. Ele visa ajudar na comunicação e na disseminação e padronização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Sites



<http://sid-sinais.surdoparasurdo.com.br/>



<http://libras.ufsc.br/>



<http://portal.mec.gov.br/ines>

**Nara Neiva
Souza**
Graduada em
Letras Libras

**Marcos
André Regio**
Graduado em
Letras Libras

Jorayna Saraiva
Graduada em Letras
Libras / Intérprete

**Warlenson C.
dos Santos**
Nosso aluno surdo

Rosilene de Brito
Graduada em Letras
Libras / Intérprete

Eduardo Melo
Graduado em
Letras Libras

**João dos
Santos**
Graduado em
Letras Libras

Sara Vitor Magalhães
Graduada em Letras Libras

Pra fechar essa conversa e quem sabe começar outra

O caderno que apresentamos surgiu a partir da pesquisa, na qual foi possível perceber, a partir da experiência de professores de Língua Portuguesa da rede federal de ensino, seus enfrentamentos no processo de ensino de sua disciplina para os alunos surdos nas suas aulas. Embora o foco tenha sido a sala de aula, a inclusão do aluno não se limita a ela, por isso, o caderno se ampliou.

Sabemos que, apesar de as leis de inclusão, sobretudo, no campo da educação especial, existirem e estejam em pleno curso de execução, o processo inclusivo é lento, não se faz de uma hora para outro dada a questão humana, atitudinal e política que o envolve. Existem aspectos que incidem diretamente sobre a questão. Um dos pontos desse cenário é a formação de professores.

A formação inicial dos professores, que já inclui Libras e outras

disciplinas voltadas para educação especial e inclusiva, embora já apresente resultados, só será validada nos próximos vinte anos.

Quem recebe hoje os alunos surdos no ensino médio e superior são professores, em sua maioria, com 15 anos de docência e que não passaram por essa formação inicial. Inúmeros fatores corroboram para isso, dentre eles, as lacunas nas articulações entre as Secretarias de Educação e as Instituições de Ensino Superior.

Embora muitos cursos de formação continuada em educação especial tenham sido ofertados desde o ano de 2010 pelas IES, via Chamada Pública, a ausência de formação continuada nessa área, em específico, observada no currículo de muitos professores, contribui para o quadro que encontramos. Entendemos que ele é resultado direto do modo como as políticas de formação docentes são

promovidas e conduzidas no país, independentemente da esfera em que se encontram.

No entanto, as ações formativas vão além dos cursos de formação. O Decreto n. 5626/05 com o qual iniciamos nossa conversa, em seu Art. 26 §1º, aponta para outra possibilidade de formação, que se dá por meio do [...] acesso à literatura e informações sobre a especificidade linguística do aluno surdo. O caderno procurou, portanto, a partir dessa especificidade, chegar a outras questões, de modo a municiar os professores que estão em sala de aula, que sem formação em educação especial, ensinam surdos.

Procuramos preencher as linhas do caderno com as orientações construídas a partir das ausências que observamos. As orientações vão no sentido de esclarecer, nortear e facilitar a prática docente em relação ao aluno surdo em salas de

aulas inclusivas. Sabemos que nem todas as questões que envolvem a temática foram abordadas. Porém, o objetivo maior foi socializar alguns conhecimentos indispensáveis aos docentes que lidam com esse público.

Desejamos, sobremaneira, que nosso material estimule o professor e a comunidade escolar a adentrar o mundo da cultura surda por meio do seu aluno. Que o material também possibilite a reflexão em torno de novas perspectivas, no contexto das práticas educacionais inclusivas, envolvendo esse público.

Professor, enfim, nosso aluno surdo chegou!

Anotações

Espaço para anotar suas ideias, observações e reflexões.

[illegible]

Referencial teórico

ALBRES, Neiva de Aquino. Surdos & Inclusão Educacional. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2010.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Liber Livro Editora, 3ª edição, 2008.

ARANA, Hermas Gonçalves. Positivismo: reabrindo o debate. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção educação contemporânea).

ARANHA, Maria Salete Fábio Aranha. Integração social do deficiente: análise conceitual e metodológica. Temas em Psicologia. N° 2. 1995.

BAALBAKI, Angela; CALDAS, Beatriz. Impacto do congresso de Milão sobre a língua dos sinais. In: Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Rio de Janeiro. 2011. BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999.

BOTELHO, Paula. Linguagem e letramento na educação dos surdos – Ideologias e práticas pedagógicas. 1. Ed., 2. Reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Reprodução cultural e reprodução social. In: BOURDIEU, Pierre. A Economia das trocas simbólicas. Tradução de Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva. 1971.

BRAGA, Waldeilson Martin; TINOCO PACHECO. Sobre o ensino de surdo e a literatura surda: possibilidades de inclusão. In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos. Anais eletrônicos... Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/sobre-o-ensino-de-surdo-e-a-literatura-surda%3A-possibilidades-de-inclusao>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 out. 2016.

BRASIL. Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios

básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm>. Acesso em: 15 out. 2016.

BRASIL. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 15 out. 2016.

BRASIL. Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 15 out. 2016.

BRASIL. Decreto n.º 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm>. Acesso em: 24 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Ação Social. Declaração de Salamanca. Sobre princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educacionais Especiais. Brasília, DF: CORDE, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria n.º 1.793, de dezembro de 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port1793.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf>. Acesso em: 24 set. 2018.

CAMPOS, Mariana. Educação Inclusiva para Surdos e as Políticas Vigentes. In: LACERDA, Cristina; SANTOS, Lara. Tenho um aluno Surdo, e agora? São Carlos: EDUFScar, 2013.

CHALMERS, Alan Francis; FIKER, Raul. O que é ciência afinal? São Paulo: Brasiliense, 1993. Diretoria Geral de Estatística -DGE, 1876. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf

EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 1943.

FERNANDES, Eulália e CORREIA, Claudio Manoel de Carvalho. Bilinguismo e surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; MELO, Ana Dorziat Barbosa de e FERNANDES, Eulália (Org.). Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 201-224.

GUARINELLO, A. C. O papel do outro na escrita de sujeitos surdos. São Paulo: Plexus, 2007.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 9ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Ed. Perspectivas S.A. – São Paulo, 1998.

LIMA, Priscila Augusta. *Educação inclusiva: indagações e ações nas áreas da educação e saúde*. São Paulo: Avercamp, 2010.

LIMA, Telma; MIOTO, Regina; PRÁ, Keli. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. *Revistas Textos & Contexto Porto Alegre* v. 6 n. 1 p. 93-104. jan./jun. 2007

MACIEL, Lizete Shizue Bomura; NETO, Shigunow Alexandre, et al. *Formação de Professores: passado, presente e futuro*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books .

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. *Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas*. São Paulo: Cortez Editor, 1996.

MOITA LOPES, Luiz Paula da. *Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos professores de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

MOURA, Dante Henrique. A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica. In. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*. v. 1, n. 1, jun. 2008. Brasília: MEC, SETEC, 2008. p. 23-38. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/rev_brasileira.pdf>. Acesso em: 15 out. 2016.

NOVAIS, Gercina Santana. In: NOVAIS, Gercina Santana. CICILLINI, Graça Aparecida (Org.). *Formação docente e práticas pedagógicas: olhares que se entrelaçam*. Araraquara, SP: Junqueira&Marin; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2010, p. 185-208.

NUNES DE MELLO, Maria Stela Vasconcelos. *De Escolas de Aprendizes Artífices a Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas: cem anos de história*. Manaus: Editora, 2009.

PENA, GERALDA APARECIDA DE CARVALHO. *Formação docente e aprendizagem da docência: Um olhar sobre a Educação Profissional*. In. *Educação em Perspectiva*. Viçosa, v. 2, n.1, p. 98-118, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoem perspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/122/51>>. Acesso em: 15 out. 2016.

PERLIN, Gladis. *Identidades surdas*. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 6ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2013.

QUADROS, Ronice Muller de. *Educação de Surdos - A aquisição de linguagem*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1997.

RIBEIRO, Veridiane Pinto. *Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: percepções de professores sobre adaptação curricular em escolas inclusivas*. Curitiba: Editora Prismas, 2013.

RIBEIRO, Mônica Luiz de Lima. SEVERO, Rafael Adriano de Oliveira. GÊNERO, RAÇA/ETNIA: DESAFIOS À FORMAÇÃO DOCENTE. In: NOVAIS, Gercina Santana. CICILLINI, Graça Aparecida (Org.). *Formação docente e práticas pedagógicas: olhares que se entrelaçam*. Araraquara, SP: Junqueira&Marin; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2010, p. 249-267.

SCHEWINSKY, S. R. *A barbárie do preconceito contra o deficiente: todos somos vítimas*. Acta Fisiatr. 2004.

SILVA, Angela Carrancho. A representação social da surdez: entre o mundo acadêmico e o cotidiano escolar. In: LODI, Ana Claudia Balieiro. MÉLO, Dorziat Barbosa de. FERNANDES, Eulalia (Org.). *Letramento, bilinguismo e educação de surdos*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

SILVA, Edvaldo Feliciano da Silva; Campos, Marineide Furtado . *O percurso dos surdos na história e a necessidade da libras para a inclusão dos sujeitos na escola*.

SKLIAR, Carlos (Org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Ed. Mediação. Porto Alegre. 2005.

SKLIAR, Carlos (Org.). *Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

